

INTER-RELAÇÕES ENTRE A PRÁTICA DO ENSINO E A PRÁTICA ASSISTENCIAL

MARIA ELISABETH CESTARI*

RESUMO

Utilizando uma disciplina como fio condutor, apontam-se as mudanças ocorridas no desenvolvimento do ensino em um curso de graduação em Enfermagem, relacionando-as com a prática de enfermagem desenvolvida nos campos de estágio e com as características da universidade promotora do curso.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, prática, inter-relações.

ABSTRACT

Using a discipline as a line, changes in the teaching process in a nurse course are shown, establishing relations within that process, the nursing practice and the characteristics of the University.

KEY WORDS: teaching, practice, relations.

Comemorações como a dos vinte e cinco anos do curso de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) quase inevitavelmente levam a relembrar os acontecimentos vividos durante o período em foco. Acredito que relembrar e escrever sobre estes acontecimentos seja de fato importante porque, ao rever a trajetória vivida e sobre ela refletir, é possível tornar mais claro de onde viemos, quem somos e, a partir daí, traçar os caminhos que queremos seguir.

Outra razão que torna importante este registro é que, embora a enfermagem como prática social exista desde que existem homens e mulheres, esta prática, e seu saber, foi duramente silenciada durante a Idade Média, e suas praticantes, queimadas como bruxas ou feiticeiras (Cecim, 1998). Deste ponto de vista, a retomada da voz, iniciada por Florence Nightingale, é ponto importante tanto na busca de uma maior visibilidade social quanto na construção de uma identidade profissional positiva.

O curso de Enfermagem na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento desta profissão no município do Rio Grande, assim como contribuiu, de forma expressiva, para a qualificação das atividades de nossa Universidade.

* Professora do Dep. de Enfermagem – FURG; Mestre em Assistência de Enfermagem – UFSC.

Neste artigo retomo alguns aspectos do desenvolvimento do referido curso, utilizando a disciplina de Enfermagem Cirúrgica I como fio condutor. Quando se retoma a história vivida, acredito que é necessário evitar uma descrição mecânica dos fatos. O importante, neste tipo de trabalho, é torná-lo uma ferramenta crítica e “apreender as múltiplas relações dentro do processo histórico no qual somos produzidos enquanto sujeitos sociais” (Frigotto, 1997, p. 182). Assim, procuro estabelecer algumas inter-relações entre o ensino desenvolvido e as condições materiais concretas da Universidade e mercado de trabalho da enfermagem em Rio Grande, mostrando sua influência mútua.

A utilização da disciplina de Enfermagem Cirúrgica I como fio condutor não foi uma escolha, mas uma necessidade, já que desenvolvo minhas atividades docentes nesta disciplina desde meu ingresso na Universidade, em 1979. Embora tenha lecionado também em outras disciplinas, esta é meu ponto de referência, e seu desenvolvimento e modificações estão profundamente ligados ao meu próprio desenvolvimento profissional.

O curso de Enfermagem da FURG foi implantado atendendo a determinações do Ministério da Educação, portanto não surgiu de uma necessidade manifestada pela comunidade acadêmica local nem por desejo/necessidade dos serviços de saúde ou da população. À medida que as disciplinas profissionalizantes precisavam ser oferecidas, foram contratadas enfermeiras para atuarem como professoras. Como a cidade do Rio Grande praticamente não contava com este tipo de profissional, foram contatadas profissionais de outras cidades, em especial de Porto Alegre.

Cada professora contratada planejava a disciplina que iria ministrar a partir de sua experiência pessoal, tendo liberdade para propor os conteúdos e forma de desenvolvimento. Embora isto tenha um aspecto positivo, também mostra como foi se desenvolvendo um curso que não possuía um eixo norteador, um projeto político-pedagógico explícito.

A Universidade limitava-se a contratar professoras em número necessário para o desenvolvimento das disciplinas, embora na época, fim dos anos 70 e início dos 80, não houvesse dificuldades na contratação de pessoal. Não era política desta Instituição estimular a pós-graduação ou as atividades de pesquisa, assim a função primordial das docentes era o trabalho de ensino junto à graduação.

As professoras contratadas eram lotadas em departamentos já existentes na Universidade, especialmente nos departamentos que atendiam ao curso de Medicina. Contrariando a política da Universidade, que prevê que cada departamento atenda a mais de um curso, havia três departamentos que atendiam exclusivamente o curso de Medicina e cujos docentes eram todos médicos. Nestes departamentos é que foram lotadas as professoras de Enfermagem, além do Departamento de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis.

Os professores da área da saúde não possuíam, como não possuem até o momento, um local para permanência na Universidade, o que dificulta enormemente o trabalho coletivo. As professoras, além de estarem lotadas em diferentes departamentos, não se encontravam com frequência, já que sua permanência dentro da Universidade acontecia no horário de aulas, quer práticas ou teóricas. Muitas vezes as reuniões para planejamento das disciplinas eram realizadas na casa de uma das docentes, o que, de uma certa forma, torna o trabalho uma atividade mais privada, particular.

A falta de encontros, de compartilhamento dos problemas e pequenas vitórias do dia-a-dia é um fator que precisa ser cuidadosamente avaliado. Acredito que a não-disponibilização pela Universidade de uma área física para a permanência das docentes foi um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho fragmentado e dificultou a formação de uma identidade de curso e, conseqüentemente, a consecução de um projeto político-pedagógico articulado e devidamente discutido.

Desde sua criação, o curso de Enfermagem da FURG possuía uma grande carga horária destinada às atividades práticas, denotando já uma crença em *como* deve ser o ensino, e privilegiava o modelo de assistência individual em nível hospitalar, bem de acordo com o modelo de saúde vigente, assim como o modelo de ensino da maior parte das universidades, na década de 70 e início dos anos 80.

Os cursos da área da saúde desenvolviam suas atividades práticas em um Hospital conveniado, a Associação de Caridade Santa Casa (ACSC). O serviço de enfermagem dessa instituição era coordenado por irmãs de caridade e contava com trabalhadoras que eram, em sua grande maioria, atendentes treinadas no próprio serviço por outras atendentes, que também haviam aprendido assim. O número de enfermeiras era extremamente reduzido, apenas a madre superiora era graduada e algumas das irmãs responsáveis pelas unidades eram auxiliares de enfermagem.

O nível técnico do cuidado de enfermagem prestado era extremamente precário. Os princípios mais elementares de assepsia e desinfecção, por exemplo, não eram conhecidos pelas trabalhadoras, que atuavam baseadas apenas no senso comum. Posso citar como exemplo a reesterilização de dispositivos descartáveis para punção venosa (*butterfly*, *escalpo*) e sonda vesical em formalina, que colocava em risco a segurança do paciente. Era extremamente comum o aparecimento de flebites após punções e de infecções urinárias após sondagem vesical.

Para a realização de estágios não contávamos com material mínimo indispensável, o que levava cada disciplina a solicitar à Universidade a aquisição de seringas (de vidro) e material de curativos que então eram utilizados durante as atividades práticas. Lembro claramente da quantidade de vezes em que, frente ao que acontecia nas unidades de internação, eu afirmava às minhas alunas que “não é assim que se faz”.

Nessa época a disciplina de Enfermagem Cirúrgica I enfatizava a necessidade de conhecimento científico e atribuía grande importância ao desempenho das alunas nas atividades teóricas. Era uma forma de tentar “compensar” o que estas alunas viviam e aprendiam na prática. A crença implícita era a de que, se as alunas se apropriassem do conhecimento existente, quando fossem trabalhar não cometeriam os mesmos erros que vinham sendo cometidos.

Pode-se apontar a falta de uma postura política das docentes no sentido de buscar mudanças na prática, considerando não só seus reflexos no ensino como o compromisso profissional com a população. Embora isto seja uma verdade, é preciso considerar que a própria Universidade não se dispunha a um enfrentamento político com a Santa Casa e, portanto, desencorajava este tipo de postura nos seus docentes.

Para que se tenha idéia das dificuldades encontradas naquela época, gostaria de relatar um acontecimento. Era costume o serviço de farmácia realizar substituições nos medicamentos prescritos. Porém, às vezes o critério para estas substituições era a *semelhança* no nome comercial das medicações. É fácil perceber que este critério pode gerar problemas muito sérios. Em determinada ocasião, tendo percebido a troca inadequada da medicação de um paciente, após comunicar à atendente responsável, comuniquei o fato ao médico, que, por sua vez, discutiu com a irmã responsável pela unidade. Em função desse incidente, não foi mais permitido que as alunas de Enfermagem Cirúrgica I, quando em estágio nesta unidade, administrassem medicação. A administração da Universidade aceitou tranquilamente este fato.

Nightingale sabia que o sentido da palavra *nurse*, na sua época, estava reduzido a pouco mais do que a aplicação de emplastros e administração de medicações. Ela chamava as novas profissionais formadas de *enfermeiras* apenas por falta de palavra melhor. A relutância em utilizar uma palavra que carregava um sentido depreciativo tinha sua razão de ser, já que “um termo é dependente do hábito lingüístico que o criou, e toda vez que o empregamos continuamos pensando, falando e agindo inspirados no sentimento e na crença que moldaram o termo” (Miranda, 1996, p. 198).

A visão de enfermeira e de enfermagem existente, mesmo na comunidade acadêmica local, estava associada a um trabalho pouco qualificado, que poderia ser executado por qualquer pessoa, sem necessidade de maior formação. Este fato explica, pelo menos em parte, a dificuldade enfrentada na época pelas docentes enfermeiras para terem suas reivindicações atendidas. Também indica as dificuldades que tiveram que ser superadas para que o curso de Enfermagem conquistasse a posição que hoje ocupa.

Em 1982 foi elaborada uma reforma curricular, na qual as disciplinas profissionalizantes foram divididas em teóricas e práticas. Assim, a

disciplina de Enfermagem Cirúrgica I foi cindida em duas, uma teórica (Enfermagem Cirúrgica I) e outra prática (Estágio Supervisionado em Enfermagem Cirúrgica I). Na época foram levantadas algumas razões para esta separação, como, por exemplo, a dificuldade em fazer uma média das notas obtidas nas provas e nas atividades de estágio.

Além dessa separação, que tornou concreta a distinção entre teoria e prática, outras alterações foram realizadas na grade curricular, como mudança de pré-requisitos e inclusão de disciplinas, no entanto estas mudanças não foram significativas. Isto significa que não foi discutido e implantado um projeto político-pedagógico que pudesse orientar, de fato, o desenvolvimento do ensino-aprendizado. As disciplinas continuaram a planejar e executar suas atividades de forma independente e, portanto, desarticulada.

Esta pouca *preocupação pedagógica* pelo curso pode ser, em parte, explicada pela própria pouca valorização deste tipo de conhecimento nas áreas consideradas mais *técnicas*. A própria Universidade não tinha a preocupação de estimular a formação pedagógica de seus professores. Assim, ensinávamos copiando nossos professores, o que é uma tendência bastante forte, mesmo entre os que têm formação pedagógica específica (Santos, 1996).

Eu acreditava, como outras docentes, que a criação de um Hospital Universitário seria a solução para os problemas do ensino prático. Num hospital onde houvesse enfermeiras, tudo seria diferente e as alunas teriam um modelo de profissional para seguir. A focalização no Hospital Universitário era também uma forma de evitar os confrontos com a Santa Casa, que pareciam inúteis.

Em 1985, com a mudança de reitor, houve a criação do Hospital Universitário Miguel Riet Córrea Jr. (HU). Não é demais insistir com o fato de que a participação das docentes enfermeiras foi fundamental no planejamento e implantação deste hospital. A contratação de doze enfermeiras para trabalhar neste novo hospital, que contava com 104 leitos, foi um marco decisivo para a enfermagem em Rio Grande. Na verdade, este número de enfermeiras foi considerado excessivo, mesmo dentro da Universidade, o que demonstra a pouca valorização desta profissional existente na época. Atualmente o HU conta com 34 enfermeiras.

Apesar das críticas feitas, o ponto de partida para a contratação de enfermeiras pelas instituições de saúde do município foi, sem dúvida nenhuma, a criação do HU. Após a tão criticada contratação de enfermeiras pelo HU, estas profissionais foram contratadas pelas outras instituições hospitalares e, posteriormente pela Prefeitura¹. Assim, este foi um marco

¹ A contratação de enfermeiras para atuarem na rede básica aconteceu na gestão da Prof.^a Enfermeira Zulma Guimarães Neto, cujo trabalho à frente da Secretaria de Saúde é amplamente reconhecido.

importante no que diz respeito à abertura de um mercado de trabalho para as egressas do curso.

Com a implantação do HU, que contava com enfermeiras no seu quadro e docentes enfermeiras nos cargos de supervisão e coordenação do serviço, começou a se desenhar uma nova realidade no cuidado do paciente hospitalizado. Ao mesmo tempo o trabalho desenvolvido por docentes enfermeiras, principalmente na fase de planejamento e implantação do HU, iniciou o processo de tornar a enfermagem, como grupo, conhecida e reconhecida dentro da Universidade.

Nesta época também se concretizou uma outra realidade para as docentes enfermeiras: a prática desenvolvida no HU não era a que se esperava, pelo menos não era a que eu esperava. Muitas razões podem ser destacadas como condicionantes do trabalho da enfermagem, como a própria organização e infra-estrutura da Instituição, no entanto o que se tornou claro é que o ensino que realizávamos não produzia os resultados que esperávamos.

A experiência de observar o trabalhos de egressas do curso nas instituições de saúde de Rio Grande foi uma das razões que levaram as professoras, especificamente as de Enfermagem Cirúrgica I, a se voltar sobre o próprio ensino e o trabalho da enfermagem com o objetivo de tentar compreender o que acontecia e procurar outros caminhos para seu fazer.

Também houver outras mudanças no contexto que favoreceram/permitiram uma mudança na forma de pensar e trabalhar das docentes. Uma delas foi a maior valorização, por parte da Universidade, da realização da pós-graduação, e outra, extremamente importante, foi a criação da Rede de Pós-Graduação em Enfermagem da Região Sul - REPENSUL. Vários dos trabalhos realizados na pós-graduação estão relacionados com o ensino desenvolvido no nosso curso, o que atesta a preocupação das professoras enfermeiras com o seu fazer.

O curso de Enfermagem, até 1990, tinha pequena procura no Vestibular e grande índice de evasão e repetência, o que pode ser comprovado até mesmo pelo número de egressas. No entanto, este quadro começou a sofrer modificações: nos últimos anos, o nosso é um dos cursos com maior procura no Vestibular, e a evasão e repetência diminuíram consideravelmente. O ano de 1990 foi o primeiro no qual a relação entre candidatas e vagas para o curso de Enfermagem atingiu 1/1. Saliente-se que no concurso Vestibular 2000 o curso de Enfermagem da FURG foi o segundo mais procurado da Universidade.

Podemos nos questionar a respeito das razões que levaram à modificação na busca pelo curso: o fato de a enfermagem ser uma profissão na qual ainda é possível ao recém- formado conseguir emprego, numa época em que o desemprego é crescente, pode ser uma das razões para esta mudança. Neste caso, a contratação de enfermeiras pelo HU, que

impulsionou a contratação por outras instituições, foi um passo importante para que o curso fosse mais procurado pelas vestibulandas.

A mudança no perfil das alunas gerou mudanças importantes no desenvolvimento do curso e também na sua visibilidade dentro da Instituição. O grande número de alunas que passou a cursar as disciplinas profissionalizantes tornou impossível ao quadro docente atender as demandas por vagas. Deste modo, a Universidade foi pressionada a contratar docentes, e como o MEC não mais disponibiliza vagas permanentes, estas são contratadas como professoras substitutas, o que, por sua vez, acarretou, e continua acarretando, outros problemas.

Note-se que aqui, vários fatores se conjugaram para provocar mudanças na realidade: além de Ter aumentado o número de alunas nas disciplinas profissionalizantes, as professoras efetivas passaram a estabelecer limites para sua atividade de ensino junto à graduação, ou seja, houve um posicionamento mais político destas docentes dentro da Instituição.

Atualmente, nas disciplinas de Enfermagem Cirúrgica I e Estágio Supervisionado em Enfermagem Cirúrgica I as alunas desenvolvem atividades variadas procurando desenvolver não só sua competência técnica, mas também a política e educativa. Há uma ênfase na necessidade de reflexão sobre a realidade concreta como ponto de partida para o próprio processo de ensinar-aprender. Assim, procura-se não mais dissociar teoria e prática, mas mostrá-las como de fato são: interdependentes. Houve também a incorporação de atividades como a consulta de enfermagem ao paciente cirúrgico, que acompanha uma tendência do curso de agregar outras atividades de enfermagem, além das desenvolvidas nas unidades de internação com o paciente.

A mudança de abordagem no ensino reflete-se também na forma de relacionamento estabelecido com as enfermeiras, em especial as do HU. No caso da disciplina de Estágio Supervisionado em Enfermagem Cirúrgica I, há uma proposta de participação nas atividades da unidade, procurando valorizar o saber e o fazer da equipe de enfermagem e, ao mesmo tempo, procurar outras formas para o desenvolvimento de um trabalho conjunto. Assim, as atividades das alunas na Unidade, assim como os trabalhos solicitados, visam, cada vez mais, buscar uma aproximação entre teoria e prática através do diálogo, que é instrumento indispensável para ensinar-aprender (Freire, 1993).

Outras disciplinas também sofreram modificações substantivas, sem, no entanto, evidenciar-se uma articulação entre elas, herança de uma forma de trabalhar presente desde o início do curso, como já discutido. Continua evidente a falta de um projeto político-pedagógico que possa agregar posturas que, mesmo sendo diferenciadas, estejam voltadas para um mesmo objetivo. Frente a este quadro, as alunas referem sentir-se

“perdidas”, tendo que aprender a “dançar conforme o ritmo de cada professora”, sujeitando-se a agir como “camaleões”².

A criação de um Departamento de Enfermagem, em 1997, que reúne todas as disciplinas profissionalizantes, foi uma vitória política significativa, que demonstra como a Enfermagem conseguiu reconhecimento dentro da Universidade. Além disso, tem possibilitado a explicitação das diferenças e incoerências no desenvolvimento do curso. Como um resultado deste movimento de conflito e desassossego, está hoje em funcionamento uma Comissão de Reforma Curricular que tem como tarefa organizar a construção de um projeto político-pedagógico que, sem dúvida, será fundamental para o desenvolvimento futuro do curso nesta Instituição.

Creio que é impossível não reconhecer a tremenda influência recíproca entre o ensino e a prática da enfermagem, que fica evidenciada pelas mudanças ocorridas em ambos ao longo do tempo em que existe o curso de Enfermagem da FURG. Obviamente esta é uma primeira aproximação aos múltiplos fatores que condicionam nossa atividade como enfermeiras e professoras e que merecem uma análise mais profunda.

O que eu pretendia salientar é justamente o fato de que estas inter-relações existem, e têm força. Isso para evitar que, por um lado, ao refletir sobre nossa prática deixemos de perceber as condições materiais concretas em que esta se realiza, e, por outro lado, deixemos de perceber as mudanças já ocorridas nesta prática.

Homens e mulheres, enfermeiras assistenciais e docentes, com sua prática concreta, devem fazer o que é possível hoje para que amanhã façam o que hoje não é possível fazer (Freire, 1997). Este, parece-me, é o papel fundamental da Universidade em relação à prática, e da prática em relação à Universidade: gerar o desconforto, a inquietação e o desejo de ser mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CECIM, Ricardo Burg. A ciência e a arte de um saber-fazer em saúde. In: MEYER, D. E., WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. *Marcas da diversidade : saberes e fazeres da enfermagem contemporânea*. Porto Alegre : Artmed, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 4. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 21. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1993.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Lições do ato de orientar e examinar dissertações ou teses. In: BIANCHETTI (org). *Trama e texto : leitura crítica, escrita criativa*. Passo Fundo : Ediupf, 1997.
- MIRANDA, Cristina Maria Loyola. *O risco e o bordado : um estudo sobre formação de identidade profissional*. Rio de Janeiro : Anna Nery/UFRJ, 1996.
- SANTOS, Luciola L. de C. P. Formação do professor e pedagogia crítica. In: FAZENDA, Ivani (org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. São Paulo : Papirus, 1995. Coleção Práxis.

² Dados surgidos na dissertação da professora Mariângela Loureiro, em fase final de elaboração, a quem agradecemos a permissão para utilização dos dados.